

# MEMÓRIA, FÉ E MOVIMENTOS SOCIAIS EM CANUDOS

Floriza Maria Sena Fernandes<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo faz uma breve análise do catolicismo popular vivenciado em Canudos, antes e após a experiência de Belo Monte, protagonizada por Antonio Conselheiro no século XIX, como também verifica a sobrevivência desse catolicismo mesmo depois das duas investidas do Exército para destruir a cidade. Tal fenômeno é observado a partir de depoimentos e observação das práticas sócio - culturais da população local, bem como através da metodologia utilizada pelas Comunidades Eclesiais de Base surgidas que em simbiose com a religiosidade popular gerou uma nova consciência da população em relação aos seus direitos, desencadeando na década de 80 uma série de movimentos sociais na cidade.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Comunidade Eclesial de Base. Catolicismo Popular..

## ABSTRACT

The present article brings a short analyses about popular Catholicism in Canudos, before and after Belo Monte's experience, who protagonist was Antonio Conselheiro in Nineteenth Century, as well as this text verify the surviving of Catholicism even after the two arms attacks to destroy the city. This phenomenon is observed through depositions and social and cultural practice observations on that local population, and also among the methodology used by Eclesiais de Base Communities which in a symbiosis with the popular religiosity cause a new conscience of the populations about it rights, and it also make happened in the 80s years a series of social movements in that city.

**Key-words:** Social Movements. Eclesial de Base Community. Popular Catholicism.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais e Professora da Universidade do Estado da Bahia. Vice - Coordenadora do Centro de Pesquisa em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação OPARÁ/UNEB.

## 1 CANUDOS: SEU TEMPO, SEU CHÃO, SUA HISTÓRIA

Canudos ou Antiga Canudos, como se refere o povo da região para falar do povoado fundado em 1893 pelo beato Antônio Conselheiro, foi palco da maior guerra civil já vivida no Brasil nos últimos séculos, na visão do historiador Marcos Antônio Villa(1995). Motivados por uma profunda religiosidade e liderados por Antonio Conselheiro, os sertanejos conseguiram organizar numa fazenda abandonada uma comunidade igualitária que chamaram de Belo Monte. Temendo aquele núcleo de poder que colidia frontalmente com a estrutura social, econômica e política do Estado e com os interesses da classe dominante e da Igreja, em 05 de abril de 1897, o exército republicano destruiu Belo Monte e seus moradores em uma das batalhas mais vergonhosas da história do Brasil.

Anos depois, com a teimosia própria do catingueiro, que com bravura desafia a seca e a morte, alguns remanescentes da guerra, bem como outras pessoas de regiões vizinhas, retornaram e reconstruíram o povoado, a segunda Canudos, que na visão de Silva (1996) se transformou no símbolo da minoria, no símbolo dos “vencidos”.

Em 13 de março de 1967, o povoado foi, pela segunda vez, destruído pelas águas do Açude Cocorobó, construído pelo DNOCS<sup>2</sup>, que se instalou na região com o propósito de introduzir uma agricultura capitalista no coração do semiárido e para apagar da memória das pessoas não só a história de um Estado assassino, como também a lembrança

daquela experiência comunitária vivida em Belo Monte. Para Silva (1996), as águas do açude serviriam de tumba onde não apenas repousariam os mártires da guerra, senão também as casas, o cemitério, a escolinha, o cruzeiro, grandes referências daqueles que reconstruíram Canudos depois da guerra. Seus moradores foram transferidos para o povoado vizinho de Bendegó e Cocorobó, cujo açude levou o nome.

Em 1985, Cocorobó/BA se transformou em Nova Canudos, desmembrada do município de Euclides da Cunha /BA pela Lei 4.405<sup>3</sup>, de 25 de fevereiro deste mesmo ano. Consta de uma extensão de 2.986 Km<sup>2</sup>. Sua população no censo realizado pelo Governo Federal em 1991 era de 13.786 habitantes, desse total 5.236 hab. moravam no centro urbano e 8.550 hab. na área rural<sup>4</sup>. A densidade demográfica é de 4,62 habitantes por Km<sup>2</sup>. Percebe-se, em comparação ao censo de 1980, um crescimento populacional de 5.077 habitantes, ou seja 58,29% numa década marcada por períodos de estiagens.

Na pesquisa observamos a diferença populacional entre moradores da área rural em relação à área urbana, dado que se põe extremamente em contraste com as estatísticas nacionais, pois ainda no início da década de 90, o número da população rural no município era de 62,02%, maior que o número da população urbana, conforme dados preliminares liberados pelo IBGE<sup>5</sup>, que demonstra essa tendência da população rural nos municípios brasileiros.

<sup>2</sup> Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

<sup>3</sup> Lei 4.405 sancionada pelo governo do Estado da Bahia em 25 de fevereiro de 1985.

<sup>4</sup> Censo realizado pelo IBGE em 1991.

<sup>5</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Possivelmente, a explicação para esses dados – crescimento populacional e uma maior concentração no campo que na cidade – tão contrários às estatísticas nacionais, provavelmente ocorreu pela forma tradicional de apropriação e uso da terra, conhecida como **fundo de pasto**, outrossim, é conceituado por Garcez (1987, p.38) como “o agrupamento de pequenos produtores rurais organizados comunitariamente para o exercício do pastoreio extensivo em sistema de propriedade aberta”. Devido ao tipo de clima - uma caatinga semiárida, de solo pedregoso, vegetação escassa e com períodos de longas estiagens, apenas poucos hectares de terras podem ser destinados à agricultura. A caatinga tem vocação natural para a caprinocultura, pois esta se mantém resistente às adversidades climáticas próprias desse ambiente e, portanto, se constitui a principal atividade econômica da população rural de Canudos – BA. No fundo de pasto, o gado é criado solto para que ande livremente em busca de alimento. Os criadores marcam suas cabras e ovelhas e deixam que pastorem em grandes extensões de terras com possibilidade de se movimentarem a procura de água e folhagens. Tendo o caprino como principal atividade econômica, o bovino e o ovino aparecem como atividades complementares, bem como uma lavoura de subsistência realizada em pequenas áreas individuais cercadas, próximas às casas de morada de cada um dos membros da comunidade, suficiente apenas – e às vezes insuficiente – para assegurar a sobrevivência do grupo familiar. É interessante se atentar para o fenômeno de fundo de pasto relacionado à densidade demográfica. Se por um lado ele é inibidor do processo migratório, porém requer pouca mão-de-obra para a

produção de caprinos e ovinos, o que indica que o crescimento populacional está ligado à reprodução da população ali fixada; por outro lado, a densidade demográfica rural é muito baixa se comparada aos municípios baianos de Euclides da Cunha, Tucano e Jeremoabo, cuja produção está mais voltada para a agricultura exigente de abundante mão-de-obra.

A partir da década de 60, o governo federal investiu em políticas econômicas visando o desenvolvimento do país e a expansão do capital nacional. Esta política atingia fortemente a população rural do norte, via projetos de colonização da Amazônia e do Nordeste através dos outros planos de desenvolvimento dos vales dos rios ali existentes, conforme se verifica nos estudos de Iann (1981) e Martins (1982). Observamos que data dessa época a construção do Açude de Cocorobó às margens do Rio Vaza Barris, sob a responsabilidade do DNOCS. Os objetivos do governo, no limite, foram atingidos, pois, atraíram médios e grandes proprietários de terras que se fixaram na região. Na prática, as terras foram valorizadas e em contrapartida gerou-se um sério problema social, devido às formas de apropriação e uso das mesmas. O empresário para ali se estabelecer expropriou a população camponesa, isto é, as terras disponíveis para a circulação dos rebanhos foram cercadas, seus moradores expulsos e seus rebanhos confinados a poucas áreas, ainda não apropriadas pelos latifundiários procedentes de Sergipe, Bahia e sudeste do país. A concentração de terras nas mãos desses latifundiários se acentuou, pois, além da compra de terras por estes, muitos daqueles que haviam saído para Salvador, Rio ou São Paulo, retornaram para a região, pois além de cuidar das suas propriedades se apropriaram

de outras áreas sob a forma de compra ou de apropriação de terras devolutas. Rolin (1987) confirma a questão quando diz:

Os proprietários ou pretensos proprietários dos latifúndios abandonados ou de solicitantes de terras devolutas que requeriam uma posse ao estado e, ao demarcá-la e cercá-la, invadiam áreas de ocupação comunitária, determinando uma acentuada ocupação dos espaços antes utilizados como fundo de pasto e restringindo substancialmente a área de pastoreio.(p.46)

Delires Braun (1996), uma das religiosas que atuou na ação pastoral de Canudos (1994 a 1996), também falava sobre o fato:

*‘Os grandes fazendeiros da região não moram aqui, eles moram em Salvador, Feira de Santana, Aracaju. Chegam, compram uma pequena área e na hora de cercar não tem limites.’*

Percebia-se até 1997<sup>6</sup>, na região que envolve o município de Canudos, a coexistência tanto do sistema comunitário desenvolvido pelo pequeno produtor na criação de caprinos, como o latifúndio que crescia e ameaçava esta forma tradicional de apropriação e uso da terra.

Aproveitando as águas do açude, o governo, através do DNOCS, introduziu uma produção agrícola para o consumo externo e uma acumulação de capital nas mãos de multinacionais como a AGROCERES, que comercializava as sementes selecionadas, vendiam máquinas e adubos químicos. Ao mesmo tempo inseriu no projeto de colonização segmentos da população pobre que foram transformados em colonos. Estes agricultores envolvidos estavam sempre endividados apesar de conseguirem bons

índices na produção. Criou-se uma cooperativa para comercialização dos produtos, mas sem caráter reivindicatório, entretanto até 1986 a organização não era suficiente para animar os colonos que sempre reclamavam da descontinuidade do apoio dado pelo DNOCS no início da implantação do projeto. Outro fator importante na produção econômica do município é a pesca nas águas do Açude. Observamos nesse período um grande número de famílias que viviam da pesca, tanto consumindo o produto garantindo sua alimentação, quanto comercializando o excedente na feira-livre.

Na sede administrativa do município estavam situadas as instituições públicas e um pequeno centro comercial. Dado que a emancipação política de Canudos é muito recente, datando de 1985, prevaleceu por muito tempo aquela administração feita por meio de um chefe do povoado ou administrador, que geralmente era alguém de família tradicional, que tinha relevo especial devido à posse de muitos hectares de terra e ligado ao grupo que estava no poder político no município sede, neste caso, Euclides da Cunha. Com a emancipação política do município, o povo começou a escolher por meio do voto direto e secreto seus representantes para o Poder Legislativo e para o Executivo. Ainda assim não houve mudanças substanciais na qualidade da representação, porque a independência política não promoveu nenhuma transformação na estrutura da propriedade da terra. Os sertanejos continuaram sem terra dependendo dos favores dos proprietários para sobreviver, continuaram agregados. Como diz uma liderança da Igreja Católica da região “Os coronéis se apropriaram da água, assistência à

<sup>6</sup> Data que foi realizada a pesquisa na região.

saúde, escola, terra, deixando o povo numa completa dependência.” (MILAN, 1997). Tal dependência colocava o sertanejo sob o domínio da vontade dos fazendeiros e lideranças políticas da região e vinha a se tornar um grande capital político nas contendas eleitorais. A grande massa de empobrecidos era usada sob a forma do clientelismo e assistencialismo para manutenção da classe dominante no poder político. A assistência à saúde era precária havendo apenas uma maternidade de propriedade do ex-prefeito, e médico, transformando o direito à assistência à saúde em um favor, cuja obrigação deve ser o voto a quem prestou o serviço ou a um dos seus aliados políticos. O sistema educacional era deficiente, existindo apenas uma escola do Ensino Médio que se destinava à formação para o magistério. A mesma estava vinculada ao Estado e foi construída na área administrada pelo DNOCS. Outras escolas de Ensino Fundamental estavam distribuídas pelo município e área rural.

Como se pode verificar, Canudos, apesar de suas especificidades, não difere de muitos outros municípios situados no sertão semiárido. O sertanejo vivendo inicialmente sob o jugo dos coronéis tradicionais, veem as relações sociais se modernizarem, porém continuam dominados pelos filhos desses ou seus prepostos, os médicos, engenheiros, advogados e outros. O que vai marcar a especificidade desse município é a história de camponeses sem terras que se aglutinaram em torno de Antônio Conselheiro e reagiram à prepotência dos coronéis da região, exigindo o acesso à terra. Fato que culminou em uma das maiores guerras camponesas do século passado (XIX), cuja extinção teve como resultante a

mobilização de vários destacamentos do exército e a mortandade de aproximadamente 25 mil camponeses e soldados.

## **2 CATOLICISMO POPULAR: FÉ, SIMBOLOGIA E RESISTÊNCIA NO SERTÃO**

Antes de ser criada a paróquia de Santo Antônio de Pádua de Canudos, em 1987, a freguesia de Cocorobó era atendida por dois vigários distintos: o vigário de Jeremoabo/BA, que atuou até 1973, e, a partir desta data, as responsabilidades dos trabalhos religiosos passaram para o vigário de Euclides da Cunha /BA, como registra o livro de Tombo das respectivas paróquias. As atividades dos dois vigários reduziam-se a algumas visitas obedecendo a um calendário fixo condicionado pelas festas dos padroeiros dos povoados maiores, tais como: Santo Antônio, dia 13 de junho; Nossa Senhora do Rosário, 07 de outubro; e, Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio. Outras visitas faziam parte de um serviço religioso anual conhecido como "desobriga". O vigário estabelecia algumas rotas na geografia paroquial<sup>7</sup> e ia pernoitando uma noite em cada um dos povoados maiores. Nessas visitas, seguiam um esquema mais ou menos semelhante. Realizavam-se os sacramentos, as visitas às famílias e aos doentes para conversas individuais e aconselhamentos. Prevalecia aquela visão da Igreja católica anterior ao Vaticano II, segundo a qual cada instituição tinha sua função na sociedade. A função da Igreja era rezar para que tudo funcionasse bem. Na prática o que se podia perceber é que

<sup>7</sup>Área que compreende os limites de atuação pastoral de um vigário que nem sempre corresponde a divisão geográfica feita pelo Estado.

existia uma aliança: Igreja, Estado e classe dominante, herança do padroado iniciado no Brasil no período colonial. No entendimento de Castro (1984), o padroado além de auxiliar o colonizador a organizar a produção, foi também responsável pela organização e legitimação da estrutura social de dominação, gerando o coronelismo, com suas práticas de paternalismo, clientelismo e assistencialismo, o que significa adentrar noutras dimensões. Daí que se observa na assistência religiosa deste período certo dualismo, pois o padre se achava responsável pela dimensão exclusivamente espiritual, contudo interferia na dimensão social e política apesar de negar a interferência nessas outras instâncias. Dona Zefa (1987), membro das CEBs<sup>8</sup>, fala sobre esse modelo de evangelização anterior à década de 80 em Canudos/BA:

*Naquele tempo era diferente a gente não lutava pela terra, não fazia cisterna em mutirão. Ave Maria de se falar em política na Igreja. O padre aqui até que ficava na casa da gente, mas nas roças vizinhas comia na casa do fazendeiro.<sup>9</sup>*

Além do catolicismo oficial ministrado pela hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana, havia uma outra prática religiosa que já existia antes de Antonio Conselheiro, mais especificamente voltada para o plano de pastoral popular, esta prática está presente nas expressões religiosas populares motivadas pela festa, dor (morte) e ameaças climáticas. Oliveira (1989, p.14) chama essas expressões de *Catolicismo Popular*, porque "canalizam

através de símbolos e das mediações que se percebem como próprias da Igreja Católica Romana". Segundo Otten (1990: 93), esta forma de catolicismo veio para o Brasil trazido por portugueses pobres. No país se expandiu na zona rural onde vivia a massa camponesa e recebeu elementos religiosos das culturas indígenas e africanas, desenvolvendo tradições próprias.

Para Otten (1990, p.96), "na imagem do santo encerra-se o mundo divino. Nela há um pouco do céu. O lugar onde o santo está vira santuário, pois do contrário se diz: casa sem santo é estribaria".

Passados quatrocentos anos de seu surgimento e convivência com a Igreja oficial, o Catolicismo Popular vai sofrer represálias, quando incorporam um elemento novo: o protesto social, a exemplo da experiência comunitária ocorrida em Canudos idealizada por Antônio Conselheiro. A alternativa encontrada pela Igreja foi implantar o Catolicismo Romano iniciado no pontificado de Pio IX (1846-1878). Na verdade, era mais uma vez uma demonstração do apoio da Igreja ao Estado e à classe dominante ameaçada. Fato que ratifica a separação da convivência entre a Religião oficial e a religiosidade popular. A presença dos leigos como animadores do culto, bem como a centralidade dos santos, era vista pelo clero romanizado como "ignorância religiosa" a ser combatida. Entendiam o catolicismo popular como credices, superstições, fanatismo e imoralidade. Eram práticas que teriam que ser substituídas pelo "verdadeiro catolicismo". O Concílio Vaticano I, na interpretação de Oliveira (1996), "oferece bases para a implantação do catolicismo

<sup>8</sup> Comunidades Eclesiais de Bases - Movimento religioso surgido na Igreja católica na década de 60 motivado pela elaboração teórica Teologia da Libertação.

<sup>9</sup> As entrevistas feitas com Dona Josefa foram utilizadas por diversas vezes por se tratar de uma das moradores e lideranças religiosas mais antigas do município, vindo desde a 2ª reconstrução de Canudos.

romano"<sup>10</sup> porque substitui as devoções tradicionais do povo, por outras adequadas ao modelo romano.

Em Canudos, entretanto, pela pouca presença do clero, o catolicismo popular permaneceu vivo. Mesmo com o combate violento da Igreja e do Estado, seus remanescentes conseguiram manter muitos de seus traços, embora conservando aquela idéia de uma ordem cósmica-social estabelecida por Deus e que os seres humanos não podem mudar. Expressões religiosas que encaravam a sociedade como uma reprodução terrena da ordem celeste, concepção anterior à criação do povoado de Belo Monte de Antônio Conselheiro. Sem a presença do padre, o sertanejo canudense desenvolvia seu catolicismo trazendo para o espaço religioso os acontecimentos vividos cotidianamente. Os santos eram companheiros em todos os momentos da vida: no trabalho, na família, nos momentos de dor e festa. Dona Zefa (1997), moradora antiga do período da reconstrução de Canudos, após a primeira destruição e desde aquele período animadora do culto, fala com a convicção de quem viveu estes momentos: "A Festa de Santo Antônio aqui é uma tradição, que existia do tempo de Antônio Conselheiro, Canudos foi destruída, mas Santo Antônio ficou passou pra segunda Canudos, onde eu morei, e agora veio pra Nova Canudos e continua protegendo a gente."

As lideranças leigas com predominância das mulheres, rezadeiras,

benzedoras, catequistas, dirigiam o culto e as rezas, catequizavam as crianças e desempenhavam a função de ponte entre os moradores e a liderança clerical. Segundo Dona Zefa (Ibidem),

*O padre marcava as missas e eu avisava o pessoal, porque lá em Canudos Velho eu já participava e estava por dentro de tudo. Quando o padre chegava, os que vinham celebrar como padre Francisco de Jeremoabo, depois padre Pedro de Euclides da Cunha se arranchavam na casa de meu padrinho, então todo mundo me procurava.*

Os espaços privilegiados por aquelas lideranças era o culto relacionado com festas e oração, motivados pela presença da doença nas pessoas e nos animais, ou do tempo climático adverso à agricultura. Dona Dora (1987) conhecia todo tipo de planta medicinal e hoje na comunidade ela assume papel de liderança na medicina alternativa desenvolvida pelas CEBs. Ela fala de como desenvolvia seu trabalho na arte de produzir chás e xaropes que ajudariam às pessoas a se curar das doenças, numa realidade social onde a presença de um médico não passava de desejos daquela gente:

*A gente fazia de tudo, médico não existia, só em sonho, eu dava assistência a todo mundo que precisava, daí eu rezava, recomendava meus chás, banhos, mas não era só isso não minha filha, a gente sabia que Deus é poderoso e a reza é o melhor remédio.*

Existiam vários momentos de expressão religiosa liderados por leigos, optamos aqui por destacar dois desses por considerarmos mais abrangentes. O primeiro é a festa do Santo, e mais precisamente Santo Antônio cuja imagem foi levada para Cocorobó em 1967. A mudança das pessoas da segunda Canudos para Cocorobó (posteriormente Nova Canudos) não significou o fim dos festejos.

<sup>10</sup>Os autores tomados como referência para o estudo da romanização e catolicismo popular, foram: Pedro de Oliveira, com sua obra **Religião e Dominação de Classe** (1985) e **Religiões Populares** (1996), Alexandre Otten com a obra **Só Deus é Grande** e José Maria de Oliveira Silva em sua tese de doutorado: **Rever Canudos: Historicidade e Religiosidade Popular (1940-1995)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1996

Pelo contrário, o que é nove dias de reza, se transformou em Cocorobó em 13 dias de homenagem àquele que era "companheiro inseparável". Muito antes do início da trezena, os responsáveis faziam os preparativos, arrecadando donativos e visitando as famílias convidando-as para as celebrações. Para isso contavam com a ajuda dos pífanos e zabumbas que entravam de casa em casa, tocando e solicitando ajuda material. O primeiro dia da festa era animado com alvorada de fogos de artifícios, o zabumba e os pífanos tocando de rua em rua alertando aos moradores sobre o grande dia. Durante toda trezena, o processo era o mesmo, estes músicos só paravam de caminhar e tocar pelas ruas parte da tarde, para o almoço e o descanso. No momento da celebração a população reunia-se na casa do noiteiro e se dirigiam à Igreja para tocar o sino ao som do zabumba, dos pífanos e dos foguetes. Depois daquele momento de êxtase, parava-se com o barulho e já dentro do templo as rezadeiras assumiam seu papel no culto, cantando benditos e ladainhas religiosas diversas em homenagem ao Santo, rezavam a ladainha e o ofício. Quando terminava a celebração, os fiéis faziam a entrega do ramo na casa do responsável pela noite seguinte. Essa entrega acontecia com uma procissão ao som dos benditos entoados pelas rezadeiras e com acompanhamento dos músicos. Quando era feita a entrega do ramo, os que acompanhavam a procissão entravam e se fartavam com comidas e bebidas na casa do noiteiro. Ao voltarem para frente da Igreja, era realizado o leilão com objetos ou animais doados, a fim de arrecadar recursos financeiros para as despesas religiosas. Geralmente as danças como Lundum, São Gonçalo do Amarante e Reisados Alagoanos eram

realizadas no final da tarde. Neste culto, a presença do padre era muito pouca, este só participava nos dois últimos dias da festa para celebrar casamentos, batizados e rezar a missa. É interessante observar que a festa representava um momento extraordinário de integração da comunidade onde os desencantos com a vida difícil cedem lugar à fartura e alegria. Percebe-se que o culto aos santos organizava-se através de animadores leigos. Aos sacerdotes restava apenas o papel de consagrar a hóstia e reavivar a fé e moral do povo.

O segundo momento, que destacamos como um acontecimento privilegiado que propiciava a presença de lideranças religiosas leigas em Canudos, era a Morte que, como a festa, era transformada num momento religioso, misterioso e gerador de solidariedade. As lideranças religiosas se faziam presentes em três momentos diferentes, nas últimas horas do doente, no velório ou sentinela e na visita à cova. Elas sabiam acompanhar a família do doente, rezavam diante dele, faziam recomendação da alma, punham a vela nas mãos do moribundo e quando este morria ajudavam na troca de roupa, vestiam nele muitas vezes indumentária típica dos frades, amarrando inclusive o cordão de São Francisco. O corpo do falecido era velado por uma noite na casa onde morava. Durante horas, parentes, amigos e vizinhos contavam casos da vida do morto, bebiam cachaça ou café. O clima era de descontração. A sentinela é feita com rezas das rezadeiras e os amigos contando "causos" e piadas no alpendre da casa. Depois da morte, dentro de sete dias posteriores, as famílias orientadas pelas rezadeiras fazem a visita à cova, todos

chorando e vestidos de preto. Padre Tiago<sup>11</sup>, vigário da paróquia de Canudos interpreta este gesto como “uma forma que os sertanejos expressam a fé na ressurreição e aparece também como uma certa vingança contra a morte”.

Sem dúvida nos períodos que compreenderam os três momentos de Canudos, o de Belo Monte de Antônio Conselheiro, o Pós-Conselheiro e a Nova Canudos, era o catolicismo popular que predominava na prática religiosa da população. Evidentemente que com a especificidade exigida pelo momento histórico, mas com aquelas características próprias de uma religiosidade vivida e praticada pelo povo simples. Uma religiosidade laica, intuitiva, inclusive pela presença forte de mulheres, alegres, com um profundo senso de Deus, que para aquele povo era ao mesmo tempo indulgente e severo. Dava-se muita importância às imagens, às bênçãos, aos lugares, as velas, a água benta e demais símbolos religiosos. As promessas, os tríduos, novenas, trezenas e procissões mostravam uma grande capacidade de oração, de aceitação da vida e, até mesmo, certo conformismo, aderindo à Deus a culpa pela pobreza e pelos problemas de ordem climática, como as secas ou as tempestades. Como dizia Dona Tereza<sup>12</sup>, "no dia de São José fazíamos procissões pedindo chuva". Esse povo vive uma cultura carregada de valores da fé cristã, faz uma simbiose religião-cultura que dificilmente se conseguiria separar. Deus é capaz de resolver todos os problemas humanos, ao homem cabe agradar a esse Deus.

<sup>11</sup> Entrevista realizada com sacerdote da Paróquia em 1997.

<sup>12</sup> Entrevista realizada em 1997 com dona Tereza, uma liderança que coordenava as Comunidades Eclesiais de Base em Canudos.

Essa fé e esse universo simbólico-popular são características predominantes da religiosidade vivida em Canudos, antes da criação da paróquia em 1987, quando surgem as Comunidades Eclesiais de Base e tentam articular sua trajetória histórico-política, reflexiva, que já vinha de uma longa experiência no resto do país, com o universo popular que traz uma cultura permeada pela dimensão simbólica, afetiva, celebrativa, mas também, conformista e legitimadora da estrutura social de exploração e dominação implantada no sertão da Bahia. Este foi um grande desafio para as novas agentes das CEBs: encontrarem uma solução dialética para o encontro das duas concepções de prática religiosa. Teriam que apresentar sua proposta respeitando a experiência do catolicismo popular praticado há séculos na região. Religiosas vindas, quase todas, da região sul do país, encontraram o desafio de se integrarem nessa nova realidade geográfica e cultural completamente distinta da sua e teriam que enfrentar o encontro com o diferente, o choque cultural. Seria desafiante conseguir apresentar a perspectiva pastoral das CEBs, complementando a vivência religiosa anterior sem classificá-la num degrau de categoria inferior.

### **3 FERMENTO NA MASSA: CEBs, SANTOS, PROCISSÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS.**

A Paróquia do município de Canudos foi criada no dia 03 de fevereiro de 1987 e tem como padroeiro Santo Antônio de Pádua. Foi desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do município de Euclides da Cunha/BA e o primeiro vigário, Santiago

Milan, tomou posse em 20 de março de 1987, como consta no livro de ata da secretaria paroquial<sup>13</sup>, contou com a colaboração de três religiosas que já se encontravam na região desde 1986. Entre as inúmeras dificuldades encontradas, o conhecimento da realidade era a primeira delas, porque sem essa inserção na vida social e política do povo, seria impossível para os novos agentes atuarem conforme a metodologia das CEB's: conhecimento científico e prático, reflexão e ação, inclusive, porque as religiosas do sul do país, pouco ou nada conheciam da vida no sertão nordestino.

Observa-se na metodologia utilizada pelos agentes de pastoral – o intelectual orgânico segundo a concepção gramsciana<sup>14</sup> – uma valorização do "saber do povo" que era como uma marca, uma característica da atuação da fração "progressista" da Igreja naquele período, superando aquela concepção que colocava o saber científico como único saber autêntico. A ação pastoral de Canudos, a partir de 1986, foi acompanhada da concepção herdada de Paulo Freire (1979), na qual o "conhecimento se processa através das relações dialéticas: educandos-realidade. Era visível a preocupação dos novos agentes em sintonizar-se com realidade empírica da comunidade. Daí a necessidade de uma convivência, participação nas conversas, nas festas, nos acontecimentos locais diversos. A Bíblia era o centro da reflexão dos grupos. Relendo-a a partir da ótica dos empobrecidos, comparando

suas histórias com os fatos sócio-econômicos e políticos da vida do sertanejo, surge deste livro uma nova forma do agir religioso, a medida em que fundamenta a utopia igualitária do povo em todas as esferas de sua vida, inclusive na Igreja. Para Josineide (1997), animadora dos jovens e monitora de Educação Popular, os momentos celebrativos foram muito importantes no resgate da cultura sertaneja. Ela diz:

*Nos festejos a gente celebra dentro e fora da Igreja. Os mais novos e os velhos se juntam para dançar o Reisado e São Gonçalo, o pessoal se veste de boi, canta, toca a zabumba. A gente está recuperando nossa cultura.*

Segundo o Padre Tiago (1997):

*A receptividade ao trabalho das comunidades era bem mais intensa na população rural que urbana, onde existiam pequenos blocos de pessoas protegidas por algumas lideranças políticas segundo os moldes do coronelismo sertanejo. Esses blocos reagem mais às mudanças e preferiam manter os privilégios que se faziam merecedores os seguidores deste ou daquele líder político.*

O que se pode entender através do depoimento do padre Tiago é que as mudanças introduzidas pelas CEBs começavam a criar uma força contestatória em relação à ordem econômica, política e social ali existente. Daí a rejeição dos dominantes locais e seus apaziguados políticos. A descoberta da consciência crítica e histórica por parte do povo proporcionou em Canudos uma nova prática pastoral. Martins (1984) afirma que

*As CEBs invertem a prática religiosa tradicional ao refletir sobre a vida cotidiana à luz do Evangelho, ao examinar sua própria experiência diária, seus problemas diários, os reflexos dessa experiência e desses problemas na sua fé e na sua vida à luz da experiência evangélica.*

<sup>13</sup> Ereção canônica, nomeação e posse do vigário, registrado no livro de Tombo da então Paróquia de Santo Antônio de Canudos.

<sup>14</sup> Para Gramsci o "intelectual orgânico", age como elemento integrador de um novo bloco histórico formado pelas classes subalternas que é chamada a suplantar a hegemonia burguesa, consolidando a unificação nacional italiana no interesse das massas trabalhadoras.

Em nossas andanças, nas conversas mantidas com os membros das CEBs e agentes de pastoral, observamos quatro elementos importantes na constituição desse projeto de pastoral e nessa transformação da consciência. Primeiro: baseados em conhecimentos históricos e no processo de reflexão com a população, os agentes pastorais, juntamente com o povo, foram resgatando a história local. Relacionando fatos do passado ao cotidiano, entendiam ser este o processo formado de elementos que davam consistência ao sujeito e ao grupo, ao tempo em que o inseria em um contexto mais amplo; o segundo elemento era a Bíblia, lida e interpretada pelo grupo a partir da realidade presente, como relatava Dona Zefa; o terceiro elemento está ligado ao analfabetismo. Para vencer esta dificuldade, foi introduzida a experiência de Educação Popular para alfabetização de adultos, seguindo a metodologia proposta por Paulo Freire. Vários monitores foram treinados para adquirir um mínimo de capacitação e embasamento dos elementos essenciais dessa pedagogia. Essa experiência objetivava ajudar aos adultos a valorizarem a própria cultura e a adquirir uma nova consciência que os tornassem agentes da própria história, ao tempo que propiciou a muitos deles um domínio elementar da leitura e da escrita. Pretendia-se com a Educação Popular que houvesse uma participação consciente das pessoas no contexto social e político. D. Etelvina (1997), 59 anos, membro da Educação Popular numa comunidade rural, nos contava com muitos gestos e alegria:

*Sabe, minha filha, eu antes não sabia ler nem escrever. Hoje, além de aprender a ler e escrever alguma coisa, eu aprendi a pensar e pensando eu descobri que sabia*

*muita coisa, e mais eu agora sei que mentiram pra mim durante muito tempo.*

A Experiência de Educação Popular não só contribuiu para multiplicar e qualificar as lideranças que já poderiam fazer os círculos bíblicos, encontros e reuniões independentes das religiosas, como também suscitou a necessidade de buscar meios para garantir o ensino da verdadeira história de Canudos nas escolas gerenciadas pelo poder público. Foi assim que munidos de abaixo-assinados e forte presença no plenário da Câmara Municipal de vereadores, conseguiram, na elaboração da Lei Orgânica do Município, em 1988, que o currículo escolar incorporasse o estudo da história de Canudos, a defesa do Fundo de Pasto e a preservação da fauna e da flora característicos do sertão<sup>15</sup>. O quarto elemento diz respeito à organização interna das Comunidades e sua articulação com outras CEBs em nível tanto local, quanto regional. As CEBs, na área que compreende o município, estavam distribuídas por comunidades rurais e na cidade por grupos de ruas. Não tinham uma coordenação ou diretoria, privilegiavam a participação igualitária dos membros nas decisões. Entretanto, existiam aqueles que animavam a reunião, os que tocavam, os que preparavam o local onde aconteceria o encontro. Quando havia um retiro para

---

<sup>15</sup> Lei Orgânica do Município é a Constituição Municipal elaborada em 1988 pelas Câmaras de Vereadores em todos os municípios brasileiros. As conquistas às quais o texto se refere encontram-se no Capítulo V nos respectivos artigos: 184 - o sistema escolar, através das unidades escolares e do professorado afim à disciplina de história e OSPB, oferecerá aos educandos condições para chegarem a uma compreensão objetiva do fato histórico protagonizado por Antônio Conselheiro, bem como das causas reais que provocaram o dito fato e suas conseqüências no que se refere à organização popular, resistência ativa e modelo sócio-político-religioso do projeto Canudos. 185 - Por ser a Serra da Toca localizada nesta município, o habitat natural da arara azul, espécie em extinção, o sistema de ensino local incluirá nos estudos sociais noções de ecologia e proteção da flora e fauna nativa para que os educandos respeitem a natureza e valorizem a harmonia entre o ser humano, a fauna e a flora.

formação ou planejamento, seja a nível paroquial ou diocesano (regional), o grupo escolhia quem iria representá-lo. As Comunidades aos poucos foram se “independentizando” da presença do padre ou das religiosas, porque não era a hierarquia que decidia e sim o conjunto. A relação de poder era praticada de forma verticalizada, de baixo para cima. Esta metodologia despertou uma nova consciência dos membros que irrequietos começaram a buscar soluções para as dificuldades que o contexto social lhes proporcionava: o uso e posse da terra (fundo de pasto), o direito à semente e insumos para plantação (colonos do DNOCS), a comercialização dos produtos (pescadores e colonos do DNOCS), o direito à água (construção de cacimbas), o acesso aos serviços sociais, entre outros, propiciou a gestação de uma nova forma de atuar na realidade concreta.

Aquele coletivo humano de Canudos, antes muito voltado para satisfazer necessidades imediatas da sobrevivência, foi se abrindo após um período de convivência nas CEBs, para outro tipo de organização e assumindo um discurso mais relacionado a direitos sociais, políticos e econômicos, despertando para a estruturação de movimentos sociais de cunho mais político. Surgem então, a partir de 1987, várias formas de organização popular. Iniciam por fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e adotou-se inclusive uma cartilha com o intuito de estudar as bases, o significado de um sindicato e o processo de fundação. Percebendo que os fazendeiros da região, juntamente com pessoas ligadas a burocracia do DNOCS tinham a intenção de organizar um sindicato pelego antes deles, então as lideranças se adiantaram

convidando o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Heliópolis /BA, também ligado às CEBs daquele município, e fundaram, em 24 de janeiro deste mesmo ano, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canudos<sup>16</sup>. Este atuaria na defesa dos direitos dos trabalhadores rurais, na defesa da terra e na luta pela reforma agrária.

Outra forma de organização gestada foi a Associação de Pequenos Criadores para a defesa da propriedade e uso coletivo da terra através da experiência tradicional de Fundo de Pasto que, para o sertanejo da região de Canudos, é muito mais que garantir o alimento. Trata-se de defender uma solução regional, secularmente adotada para integrar um segmento social ao sistema produtivo local, em áreas menos férteis e impróprias para a atividade agrícola. Seus associados enfrentaram dois tipos de embates. Primeiro, contra os fazendeiros e latifundiários que, agraciados com as políticas desenvolvimentistas agrediam os pequenos criadores cercando áreas destinadas ao pasto, limítrofes às terras adquiridas. Com o avanço das cercas diminuía-se as áreas de pastagens livres, secularmente utilizadas pela população pobre. Outra agressão foi a liberação do gado nas pastagens abertas, consumindo parte do alimento destinado ao pastoreio dos caprinos. O segundo embate dos pequenos criadores deu-se com grupos que aparecem na região desenvolvendo atividades extrativas vegetais, devastando ainda mais a caatinga. Rolim (1987) apresenta alguns exemplos dessas atividades:

A destruição da área verde decorre inclusive das atividades extrativas

<sup>16</sup> Ata de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canudos.

vegetais – a exemplo do corte de madeira para lenha, carvão, ou utilização em cercados – e a extração da casca de angico, rica em tanino, com mercado assegurado para o beneficiamento do couro, uma das atividades derivadas da pecuária regional. (p.37)

Adelson (1997), membro da diretoria da Associação de Pequenos Criadores da Região, fala sobre a importância da Associação.

*As Associações de Pequenos Criadores representam a defesa de um sistema produtivo histórico. Defende o coletivismo como forma de organização social, reivindicando a posse coletiva da terra através da reforma agrária, solução que tem recebido a resistência de órgãos governamentais para a sua implantação. Hoje, são várias associações aqui em Canudos e já estamos integrados numa organização a nível regional. Tudo começou com trabalhos pequenos de Comunidades de Base e agora estamos organizados por grupos de trabalhadores (categorias específicas). Canudos deu um grande salto. Temos aqui não só os conflitos, a briga na justiça e a derrubada de cerca. Com outros companheiros, estudamos formas de convivência com a seca, construção de cacimbas, os períodos de chuva, mais o porquê da chuva e da seca, o tipo de solo e vegetação. Enfim, unimos a prática à teoria. Vem muito gente boa nos ajudar, como a CPT (Comissão Pastoral da Terra), do IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agricultura Apropriada) e PALMA (Palavra Movimento Ação). Eles nos ajudam na organização, fornecem material e assessoram encontros de estudos, representantes das comunidades participam dos estudos e repassam para os companheiros.*

A fala desse pequeno criador de caprinos suscita duas questões que estão sendo discutidas neste texto. Primeiro, a importância que ele dá às Comunidades Eclesiais de Base no incentivo à criação de formas de organização popular por categorias específicas, fato comum nas paróquias onde existem CEBs. A segunda questão que ele levanta é a

necessidade que eles sentiam de unir o saber popular e o saber científico. Teoria e prática. Ele percebeu que embora o sistema produtivo utilizado se constituísse em uma experiência secular, a prática carecia de aportes teóricos.

Os técnicos que fazem parte do IRPAA<sup>17</sup> ajudaram tanto no que diz respeito à articulação das comunidades quanto contribuíram para a compreensão científica dos fenômenos naturais, proporcionando aos criadores o conhecimento e utilização de novas técnicas. E nesse contexto cabe, talvez, uma questão levantada por Oliveira (1990):

O saber prático é sem dúvida, o mais importante, mas não é suficiente para elaboração de projetos em escala macro social. A contribuição do saber teórico trazido pelo técnico ou assessor é também indispensável quando a ação não se limita ao pequeno âmbito local, ou ao campo social que se conhece por familiaridade.

Enfim, um aspecto importante de cunho sociológico, neste tipo de sistema produtivo conhecido como fundo de pasto, é a identidade coletiva do grupo. A proximidade de seus membros que propicia um alto grau de solidariedade e de organização comunitária e a consciência de que para alcançar objetivos comuns devem manter e assegurar suas bases societárias.

No Açude de Cocorobó muitas famílias vivem da pesca e, incentivados também pela ação pastoral, fundaram em 1993, no povoado do Barrentão, pertencente ao município de Canudos, a Colônia de Pescadores, com a finalidade de organizar a comercialização do peixe e do camarão, e ao mesmo tempo, lutar contra a poluição aquática, a pesca predatória e

<sup>17</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada organização não governamental sediada em Juazeiro – Bahia

tudo que prejudica o meio ambiente, como narra seu estatuto no artigo terceiro, item “c” aprovado na mesma data<sup>18</sup>.

Outro grupo que, a partir daquele momento, descobre a importância de se organizar como categoria específica, são as mulheres, donas de casa, sertanejas que trabalham a terra, cuidam da criação, educam os filhos e realizam afazeres domésticos. Essas mulheres perceberam na organização uma possibilidade de sair do estado de miséria em que viviam. Preocupadas com a manutenção do movimento e com a situação econômica de algumas companheiras, elas organizaram teares artesanais para a produção de redes e tapetes, confecção de roupas e ainda participavam junto às CEB's das lutas por elas levantadas.

Scherer-Warren (1993) dá relevância ao trabalho pastoral das CEBs no desenvolvimento da organização das mulheres enquanto categorias específicas:

No trabalho pastoral, a perspectiva da mulher aparece como parte da luta pela igualdade de direitos humanos, eliminando diferenças de gênero. As CEBs estimularam a criação de organizações específicas de mulheres, como clubes de mães, movimentos de mulheres camponesas.(p.44)

Em Canudos, foi criado também, desta vez não como Associação, um grupo para desenvolver a medicina alternativa com o objetivo de realizar pesquisa de plantas medicinais, produção de remédios, pomadas e elaboração de cartilhas que recolhiam a sabedoria popular com relação ao valor

curativo das plantas. Dona Júlia (1997), mais conhecida por Duru, nos relata sua experiência:

*Tudo começou com a ajuda da irmã Verônica, ela já era enfermeira, eu também desde nova que mexia com saúde, fazia meus chás, e receitava pra o povo. Agora, depois das CEBs, comecei a fazer cursos em Salvador, Tucano e Paulo Afonso. Criamos a Pastoral da Saúde e começamos a produzir remédios caseiros, xaropes, pomadas, essência de ervas, Temos uma farmácia, vendemos pouco porque o pessoal só quer de graça. A Associação de Mulheres Pobres vende muito. Sai mais remédios pra gripe e dores. Fizemos umas cartilhas junto com o pessoal de Uauá e agora muita gente já sabe fazer os remédios. Também compramos um tensiômetro e o pessoal vem em casa pra gente medir a pressão e ensinamos com cursos ao pessoal fazer comida aproveitando as cascas de verduras e frutas. É bom pra saúde.*

#### 4 CONCLUSÃO: PONTO ALTO DA FUSÃO ENTRE CATOLICISMO POPULAR E CEBs – AS ROMARIAS

Enfim, o ponto alto da Ação Pastoral das CEB's em Canudos são as romarias, talvez o símbolo mais importante da mística do sertanejo canudense, que deu uma visibilidade maior à união entre fé e política e as lutas pela posse da terra, pois extrapolaram o espaço local atingindo outros municípios e estados, instituições nacionais e internacionais, envolvendo grupos e concepções distintas a respeito de Canudos, enquanto resgatavam aspectos próprios da religiosidade sertaneja: a peregrinação e o simbólico. As Romarias de Canudos uniam e unem elementos próprios do catolicismo popular, como a peregrinação feita com orações e cantos, inserindo reflexões em torno de temas relacionados aos acontecimentos sociais, políticos e a luta pela

<sup>18</sup>Art. 3.- A Colônia de Pescadores tem como finalidade... c) lutar pelo meio ambiente equilibrado, contra todas as formas de poluição, especialmente a poluição aquática, contra a pesca predatória e contra tudo que prejudica o Meio Ambiente. Estatuto da Colônia de Pescadores do Barentão fundada em 1993.

conquista da terra. Fazem uma conexão entre fé e a ação pela justiça e libertação dos oprimidos, rompendo aquela bipolaridade existente no catolicismo tradicional entre mística cristã e práxis política. Articulam a fé com várias formas de resistências desenvolvidas no sertão. Procuram, portanto, recuperar a experiência mística e resgatar símbolos que refletem a espiritualidade do sertanejo.

Embora o pensamento que permeia o catolicismo popular seja uma reprodução terrena da ordem celeste, legitimando o sistema de dominação coronelístico, houve momentos que este catolicismo inspirou movimentos sociais de protesto contra a opressão econômica e social, como é o caso das experiências de Canudos, Contestado, Caldeirão, entre outros. Esta visão religiosa por eles engendradas, parecem ter sido experiências históricas em que as CEB's de Canudos se basearam para organizar os seus trabalhos. Tentaram na ação pastoral uma complementaridade com o catolicismo popular, valorizando a devoção a Santo Antônio, às procissões e outras manifestações religiosas típicas, bem como o incentivo e apoio às lideranças leigas. De outro lado, as CEBs contribuíram com a religiosidade local no sentido de não deixar o catolicismo popular ali vivenciado intocado e, através de uma metodologia reflexão-ação, ajudaram os fiéis a descobrirem tanto os elementos libertadores quanto os elementos alienantes desse catolicismo, procurando conservar e vitalizar os primeiros, dando a esta expressão religiosa uma nova concepção de mundo, de Deus e da história.

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE [DO] INSTITUTO POPULAR MEMORIAL HISTÓRICO DE CANUDOS. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1993.

BETTO, Frei. **CEB's: rumo à nova sociedade**. São Paulo: Paulinas, 1983.

BOFF, Clodovis. **Agente de Pastoral e povo**. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Comunidade Eclesial – comunidade política**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Nova evangelização, perspectiva dos oprimidos**. Fortaleza: Vozes, 1990.

CANUDOS. **Lei orgânica do Município de Canudos**, 1990. Estado da Bahia. Revista Alfa Gráfica e Editora Ltda. Salvador – BA.

CASTRO, Marcos. **64: Conflito Igreja X Estado**. Petrópolis: Vozes, 1984.

CPT: **Pastoral é compromisso**. Petrópolis: Vozes, 1983.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Movimentos Sociais: A construção da cidadania**. Novos estudos CEBRAP, 1984.

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO DA IGREJA CATÓLICA. Documento de Puebla – Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1975.

FERNANDES, Luiz Gonzaga. **Como se faz uma comunidade eclesial de base**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Gramsci. Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Editora Civilização Brasileira S.A. RJ. 1982.

GREGORY, Afonso. **Chances e desafios das comunidades eclesiais de base**. Petrópolis: Vozes, 1979.

GARCEZ, A. N. R. **Fundo de Pasto: um projeto de vida sertanejo**. Salvador: Interba/CAR, 1987.

GARCEZ, A. N. R.; MACHADO, H. A. **Leis de terra do Estado da Bahia**. 2 ed. Salvador: SEAGRI/CDA/ DESAGRO/FBR, 2001.

HONEAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

IANNI, Octávio. **A ditadura do grande capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A militarização da questão agrária**. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Igreja e a questão agrária**. São Paulo: Loyola, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os camponeses e a política**. Petrópolis: Vozes, 1983.

MILAN, Santiago. **Canudos: uma história de luta e resistência**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1993.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONIZ, Edmundo. **A guerra social de Canudos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do Catolicismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo: Nacional, 1978.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **A Igreja dos Pobres e a atividade político** – partidária. In: Cadernos Fé e Política. Petrópolis: RAMA – Artes Gráficas.1989.

\_\_\_\_\_. **Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes,1985.

\_\_\_\_\_. **Ensinar aprendendo**. In **Revista Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, Ano 12, nº 249, abril.1990.CEDI.

\_\_\_\_\_. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes,1985.

OTTEN, Alexandre. **Só Deus é grande**. São Paulo: Loyola,1990.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa – Omega,1975.

PINHO, Patrícia de Santana. **Revisitando Canudos hoje no imaginário popular**. In: Revista Canudos, Salvador, Ano I – nº 01, dez.1996.

ROLIM, Angelina Nobre. **Fundo de Pasto: um projeto de vida sertanejo**. Salvador: INTERBA/ SEPLANTEC/CAR, 1987.

SANCHES, Pierre. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola,1992.

SANTANA, Judith Maria. **Saúde em casa – Comunidades do sertão**. Canudos – Uauá. Paulo Afonso. Fonte Viva,1992.

SILVA, José Maria de Oliveira. **Rever Canudos: historicidade e religiosidade popular ( 1940 – 1995 )**. São Paulo,1996. Tese ( Doutorado em História Social ) – FFCLH, Universidade de São Paulo.

VARGAS – LLOSA, Mario. **A Guerra do Fim do Mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1981.

VILLA, Marcos Antonio. **Canudos, o povo da terra**. São Paulo: Ática,1995.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais** - S. Paulo. Ed. Loyola, 1993.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Movimento popular, CEBS e massa**. In: SPINOSA, Benedito(org ) Encontro Intereclesial – texto base. São Paulo: Salesiano,1996.